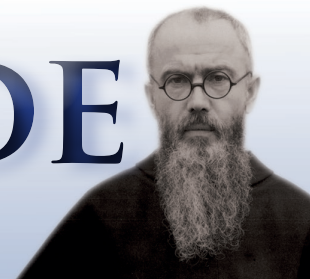




A CIDADE

MENSAGEIRO DE FÁTIMA



Publicação Bimestral | Ano XXXV - Nº 2 | março - abril de 2022 | Assinatura anual: 6,00€



A CIDADE

MENSAGEIRO DE FÁTIMA

MISSÃO DA IMACULADA

Ano XXXV- Nº 2

MARÇO - ABRIL de 2022

Fundador: Aureliano Dias Gonçalves

Directora: Chryсна Dela Cerna Rodriguez



Propriedade e Edição

«Cidade do Imaculado Coração de Maria»

NIPC: 501 709 223

Redação e Administração

Travessa São Maximiliano, 48 - Ap. 86

2496-908 Fátima

Tel.: 249 531 146/925 795 003

email: editora@cidadedoimaculado.com

site: www.cidadedoimaculado.com

Capa: Cordeiro Sacrificado

Impressão: Indugráfica, Lda

Tiragem: 1000 ex.

Depósito legal n.º 13262786

Isenta de registo ERC ao abrigo do

decreto regulamentar 8/9 do 9

do 6 art.º 12.º, n.º 1 a)

Publicação Bimestral

SUMÁRIO

NOSSA SENHORA

Lenda Nossa Senhora do Pranto..... 3

SÃO MAXIMILIANO M. KOLBE

Testemunho daqueles
que o conheceram..... 5

PENSAMENTO DE PADRE PIO

Como Jesus Amou..... 6

CATECISMO

O que dizer quando me confesso?..... 7

FÁTIMA, UMA LUZ SOBRE O MUNDO

O Pastorinho Contemplativo..... 9

ESPIRITUALIDADE

O Silêncio contra o barulho
do mundo..... 10

PARA RECEBER O NOSSO JORNAL «A CIDADE» E SOLICITAR AS NOSSAS PUBLICAÇÕES

telefone: 249 531 146/925 795 003

e-mail: editora@cidadedoimaculado.com

site: www.cidadedoimaculado.com

Horário de atendimento: segunda a
sábado das 9:00 - 12:30 e 16:00 - 18:00,
na livraria ou por telefone

*Para ofertas através do banco:

NIB: PT50.0033.0000.50033638483.05 - (Millennium BCP)

NIB: PT50.0035.0304.00003054930.89 - (Caixa Geral Depósitos)

*Cheque ou vale Postal: Cidade do Imaculado Coração de Maria

Caso faça o pagamento da assinatura por transferência Bancária, agradecemos que nos informe por telefone ou via e-mail editora@cidadedoimaculado.com

Lenda de Nossa Senhora do Pranto em Dornes



Conta-se que um cavaleiro chamado Guilherme de Pavia, certa vez, passou a pé enxuto o rio Zêzere, caminhando de uma margem para a outra sobre a sua capa, que lançara sobre as águas. Um dia, andava Guilherme de Pavia atrás de um veado na banda de além do Zêzere, onde só havia brenhas e matos espessos, quando ouviu uns gemidos muito dolorosos. Tentou saber de que sítio provinham e, apesar

de perder algumas horas nesta busca, nada conseguiu achar, pois os gemidos pareciam provir dos mais diversos locais. No dia seguinte voltou ali e de novo os gemidos se espalharam à sua volta, vindo agora

de um tufo espesso de mato, depois de um rochedo, numa ciranda sem fim. Guilherme de Pavia sofria espantado, partilhando a dor daquele alguém que parecia fazer parte do universo. Ao terceiro dia tudo se repetiu como antes. Tomou, pois, a decisão de partir

para Coimbra onde estava a sua senhora, a fim de lhe relatar aqueles estranhos factos. Assim que chegou à cidade dirigiu-se imediatamente à pousada real e solicitou a sua visita a D. Isabel. Esta, mal o viu, e depois das saudações devidas,

disse-lhe: – Vindes por via dos gemidos, Guilherme? – Não precisais espantar-vos! Três noites a fio sonhei com eles e sei do que se trata. – O que é então, Senhora? Procurei

por todo o lado e nada vi!... – Bem sei. Deus contou-me tudo nos sonhos. Agora vais voltar ao local e procurar onde te vou dizer: aí acharás uma imagem santa de Nossa Senhora, com o Filho morto em seus braços.

– Assim farei, minha senhora Dona Isabel! Mas, e depois, que faço eu dessa imagem?

– Guardá-la-ás contigo até me veres chegar junto a ti!

Despediu-se Guilherme de Pavia da Rainha Santa, levando na memória a





localização exacta da moita onde a imagem de Nossa Senhora o aguardava gemendo, e partiu de Coimbra. Já de volta a terras do Zêzere, o cavaleiro dirigiu-se à serra de Vermelha, como lhe dissera D. Isabel, e foi milagrosamente direito a determinada moita onde achou enrodilhada em urzes a imagem da Virgem pranteando a morte de seu Filho.

Durante algum tempo manteve-a consigo, na sua própria casa. Os gemidos haviam cessado e assim Guilherme de Pavia tinha a Santa Imagem na sua câmara, com um archote aceso de cada lado. Um dia, a Rainha Santa foi, finalmente, às suas terras do Zêzere resolver o caso da imagem. Assim, junto a uma velha torre pentagonal que já aí existia, mandou erigir uma ermida para a Virgem achada nas moitas. E nessa torre – que provavelmente foi construída pelos Templários –, ordenou que se instalassem os sinos da ermida. Em breve o povo começou a construir casas em redor da capela e da torre e, diz a lenda, a Rainha Santa deu a essa vila nascente o nome de Vila das Dores, nome que com o tempo se teria corrompido até dar Dornes.



É isto o que conta a lenda transcrita no velho manuscrito. A capela com a sua torre sineira ainda hoje existem, e a imagem achada há muitos séculos atrás é venerada sob a designação de Nossa Senhora do Pranto. □



(in Frazão, Fernanda. “*Lendas Portuguesas*”, vol. IV, pág. 75-79. Ed. Multilar. Lisboa: 1988)

Site do Santuário de
Nossa Senhora do Pranto (Dornes)



Testemunho daqueles que o conheceram



Frei Cipriano disse que o «amor seráfico ardente» de Padre Maximiliano por Deus era visível nas prédicas que fazia aos Irmãos. Com certeza, foi esse amor que lhe permitiu ver a tragédia da Polônia de uma forma que outros não podiam ver. Em março de 1938, antes que a maioria das pessoas pensasse na guerra, ele dissera aos Irmãos: «Durante os três primeiros séculos, a Igreja foi perseguida. O sangue dos mártires irrigou as sementes do cristianismo. Mais tarde, quando a perseguição cessou, um dos Padres da Igreja lamentou a tibieza dos cristãos. Rejubilou-se quando as perseguições voltaram. Da mesma forma, devemos nos rejubilar com o que acontecerá, pois no meio de provações, nosso zelo se tornará mais ardente. Além disso, não estamos nas mãos da Virgem Santíssima? Dar nossas vidas por Ela não é o ideal que mais ardentemente desejamos? Vivemos só



uma vez. Morremos só uma vez.

Portanto, que tudo seja conforme os desejos Dela». Depois de a guerra ter começado, São Maximiliano não mudaria de tom: «Deus está purificando a Polônia», dizia.

«Depois de tudo acontecer, a Sua luz espiritual brilhará no mundo.» «Vivemos numa época de intensa penitência. Ao menos, tiremos proveito disso. O sofrimento é uma coisa boa e doce para quem o aceita com entusiasmo.»

Com é que Maximiliano via o lado positivo no sofrimento? Talvez um trecho de seus escritos esclareça: «Quando a graça inflama nossos corações, desperta neles uma verdadeira sede de sofrimento... para mostrar... até que ponto amamos nosso Pai celeste... pois, só pelo sofrimento aprendemos a amar... No sofrimento e na perseguição... alcançamos alto grau de santidade e, ao mesmo tempo... conduzimos os que nos perseguem a Deus...» Por outras palavras, o verdadeiro amor deseja dar. Quanto maior o amor, mais assim é. E, quanto mais a pessoa sofre pelo amado, mais o amor cresce. O que salva o santo em tudo isso de um masoquismo doentio, é a sua visão de maior alcance. O sofrimento, que ele não apreciava pelo sofrimento em si, mas suporta voluntariamente como penhor de seu amor, será seguido pelo êxtase do paraíso. □



Como Jesus amou

"«A santidade é amar o nosso próximo como a nós mesmos e pelo amor de Deus. Amar o próximo, neste ponto, é amá-lo ao ponto de nos amaldiçoar, nos odiar, nos perseguir, e até consiste em fazer-lhe bem.»"

Para compreender este pensamento do Padre Pio, é preciso olhar para Jesus Crucificado. Meditando no Crucifixo, podemos perguntar a Jesus porque nos amou ao ponto de aceitar uma morte tão injusta e atroz. E Jesus, responde-nos que nos amou tão só «pelo amor de Deus», porque era isto que o Pai queria para nos salvar, reparando o horror feitas a Deus por todos os homens através dos seus pecados. O amor – como todos sabemos – mostra e garante a sua genuinidade acima de tudo em sacrifício. O amor-sacrifício é definitivamente um amor sem engano! Aqueles que dizem amar uma pessoa enquanto evitam ou se recusam a fazer qualquer sacrifício pelo seu querido não merecem nenhum crédito e nenhuma confiança. O amor do santo pelo próximo, à semelhança do amor de Jesus Crucificado, não é apenas generoso com pessoas boas ou mesmo com pessoas indiferentes e estranhas, mas também com pessoas hostis, inimigas e más, que querem fazer e fazem o mal. A «santidade» do amor ao próximo, ensina o Padre Pio, consiste precisamente nisto: amar «aqueles que nos amaldiçoam, nos odeiam, nos perseguem». Precisamente àqueles que

se comportam desta forma pérfida, a «santidade» do amor pelo próximo vem retribuir «fazendo-lhe bem».

Todos nós que ofendemos a Deus com os nossos pecados, graves e não graves, talvez sem número, crucificando e «re-crucificando Jesus nos nossos corações», como escreve São Paulo (cf. Heb 6,6), fomos recompensados por Jesus com a

salvação que nos vem da Redenção universal, através da sua paixão

e morte na Cruz. Foi assim que Jesus nos amou, foi assim que amou o seu próximo, dando o «bem» da graça redentora àqueles que o ofendiam, amaldiçoavam, odiavam e matavam! Este é o amor ao próximo que Jesus nos ensinou e está a ensinar-nos de cada Tabernáculo eucarístico onde ele próprio fez o Pão divino para nós,

homens pobres e pecadores. O exemplo e o ensino do Padre Pio, que também sangrou por nós com os seus estigmas durante mais de 50 anos, e se consumiu pelos pecadores como um confessor incansável até ao seu último dia na terra, é uma poderosa recordação da «santidade» (e não da «mediocridade») do amor ao próximo. □



Que dizer quando me confesso? (Parte 1)

Todos os pecados mortais devem ser sempre confessados, tendo o cuidado de especificar, na Confissão, alguns elementos, como se explica de seguida. Também é um bom hábito confessar todos pecados veniais, embora não seja obrigatório.

Para uma boa Confissão, um dos maiores requisitos, é a acusação sincera dos pecados cometidos de que se tenha memória. Como a Santa Mãe Igreja tem com autoridade (e dogmaticamente), ensinado, é obrigatório e necessários confessar todos e cada um dos pecados singulares cometidos, a partir do momento em que se passou a ter o uso da razão. A partir desta altura, todos os peccados devem ser bem confessados, ou seja, não genericamente, mas por espécie, número e circunstância. A inobservância voluntária de tal indicação, nomeadamente, no que diz respeito, ao arrependimento sincero, não só torna a Confissão inválida, mas torna-a sacrílega. Vamos nos concentrar bem, nos detalhes deste elemento constitutivo adicional importantíssimo da «quase



matéria do Sacramento». É, necessário, em primeiro lugar, distinguir entre o objecto obrigatório e necessário da Confissão e, o objecto dele aconselhado e recomendado. É obrigatório confessar os pecados mortais, tão como aqueles de matéria grave (que em si mesmos ou pelas «proporções» das transgressões), foram cometidos com plena advertência

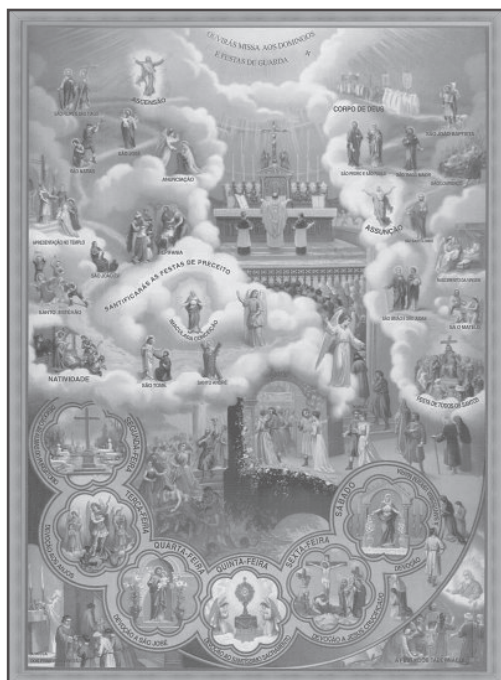




(ou seja, dando-se conta da gravidade daquilo estava a fazer) e com consentimento deliberado (isto é, não sob pressão da violência ou doutra causa gravíssima). Só para dar alguns exemplos de pecados comuns, que são sempre mortais pela gravidade da matéria em si, podemos citar: os sacrilégios, as irreverências, as blasfémias, o juramento falso, a omissão da santificação do Domingo ou dos dias Santos de Guarda, o consumo de droga, o bater, a impureza em todos os seus géneros e espécies, impudicícia e a imodéstia. No entanto, existem alguns pecados que se tornam mortais quando a matéria de «leve» passa a «grave». Por exemplo, o roubo, que é pecado venial quando cai sobre objectos de pouco valor, é pecado mortal, quando a quantidade da coisa roubada ou injustamente retida é considerável; as faltas para com os pais, tornam-se graves quando são injúrias ou quando são desobediência em coisas de grande importância; a vulgaridade e os palavrões, tornam-se graves quando são de natureza sexual ou, quando são ditos por ódio para ferir ou para atingir o próximo. Estes pecados devem ser con-

fessados, não de uma maneira genérica, mas, por espécie: não basta dizer “pequei contra o Segundo Mandamento”, porque, conta a blasfémia, conta o falso juramento, conta a nomeação em vão do Santo Nome de Deus, de Nossa Senhora ou dos Santos; não basta dizer “cometi actos impuros”, porque o adultério é uma outra coisa, em comparação com as relações sexuais pré-matrimoniais, ou com o pecado impuro solitário, etc. Também devem ser especificados o número, as vezes em que são cometidos, porque tantos os pecados mortais, quantas as vezes que foram cometidos e, isto leva a um profundo agravamento, seja no estado da consciência, seja nas penas devido ao pecado (que levarão ao Purgatório apesar da absolvição, [para a expiação das penas devido aos pecados mortais ou aqui ou no Purgatório]). □

CONTINUA





O Pastorinho Contemplativo



Contámos ao Francisco tudo quanto Nossa Senhora tinha dito. E ele, manifestando o contentamento que sentia, na promessa de ir para o Céu, cruzando as mãos sobre o peito dizia: – Ó minha Nossa Senhora, terços, rezo todos quantos Vós quiserdes. E, desde aí, tomou o costume de se afastar de nós, como que passeando; e se chamava por ele e lhe perguntava que andava a fazer, levantava o braço e mostrava-me o terço. Se lhe dizia que viesse brincar, que depois rezava connosco, respondia: – Depois também rezo. Não te lembras que Nossa Senhora disse que tinha de rezar muito terços? Um dia, disse-me: – Gostei muito de ver o Anjo, mas gostei ainda mais de ver Nossa Senhora. Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste, por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum. Por vezes, dizia: – Nossa Senhora disse que íamos a ter muito que sofrer! Não me importo; sofro tudo quanto Ela quiser! O que eu quero é ir para o Céu. Um dia que eu me mostrava descontente com a perseguição que dentro e fora da família se começava a levantar, ele procurou animar-me, dizendo: – Deixa lá. Não disse Nossa Senhora que íamos a ter muito de sofrer, para reparar a Nosso Senhor e o Seu Imaculado Coração, de tantos pecados com que são ofendidos? Eles estão

tão tristes! Se com estes sofrimentos os pudermos consolar, já ficamos contentes. Subimos para o cimo de penedo, onde mal cabíamos os três de joelhos, e perguntei-lhe: – Mas que estás aqui a fazer tanto tempo? – Estou a pensar em Deus que está tão triste, por causa de tantos pecados! Se eu fosse capaz de Lhe dar alegria! O Francisco dizia: «Gostei muito de ver o Anjo, mas gostei ainda mais de Nossa Senhora. Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus!» □

Irmã Lúcia
In Quarta Memória



○ *Silêncio contra o barulho do mundo*

Há uma grande questão: como é que o homem pode ser realmente à imagem de Deus? Entrando no silêncio.

Como o próprio Deus habita uma grande silêncio, revestindo-se de silêncio o homem fica perto do Céu, ou melhor, deixa que Deus Se manifesta nele. Só encontramos Deus no silêncio eterno onde Ele habita. Alguma vez ouviu

lenciosas de si próprio, nessas regiões tão escondidas que já nada as pode perturbar? Quando aí chega, com um cuidado ciumento, preserva esse silêncio que dá Deus. E defende-o contra qualquer agitação, inclusive dos seus próprios poderes. No coração do homem há um silêncio inato, porque Deus habita no que de mais íntimo existe em cada pes-

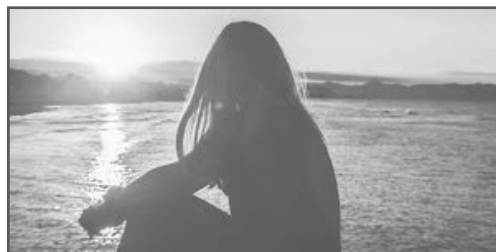


a voz de Deus tal como ouve minha? A voz de Deus é silêncio. Com efeito, o próprio homem também deve tender a tornar-se silêncio. Ao falar de Adão no paraíso, Santo Agostinho escrevia que «vivebat fruens Deo, ex quo bono erat bonus» («Ele vivia na alegria de Deus e, pela força desse bem, era próprio bom»). Vivendo com o Deus silencioso, e n'Ele, tornamo-nos nós próprios silenciosos. No seu livro intitulado *Je veux voir Dieu*, o padre Marie-Eugène de l'Enfant Jesus escreveu: «Para o homem espiritual que saboreou Deus, silêncio e Deus parecem ser uma e a mesma coisa. Porque Deus fala no silêncio e só o silêncio parece poder exprimir Deus. Por outro lado, para encontra Deus. Por outro lado, para encontrar Deus, aonde poderia o homem ir senão às profundezas mais si-

soa. Deus é silêncio, e esse silêncio divino habita o homem. Em Deus, estamos indissociavelmente ligados ao silêncio. A Igreja pode afirmar que a humanidade é filha de um Deus silencioso, porque os homens são os filhos do silêncio. Deus conduz-nos, e nós vivemos com Ele a cada instante mantendo o silêncio. Nada leva melhor a descobrir Deus do seu silêncio inscrito no âmago do nosso ser. Se não cultivamos esse silêncio, como poderemos encontrar Deus? □

(in Sarah, Robert,

A Força do Silêncio contra a ditadura do barulho;
Lucerna. Lisboa:2017)



Deo
gratias

Recebemos as seguintes ofertas, que muito agradecemos

Manuela Taveira, 15,00€; Edite Simões, 10,00€; João Paulo Lima Barbosa, 5,00€; M.^a do Carmo Monteiro Coelho, 10,00€; M.^a Manuela Ferreira da Silva Oliveira, 20,00€; Maria Augusta Santos Ramos Silva, 10,00€; Lucília J. Ferreira, 10,00€; Maria de Jesus Rodrigues Ramalho, 10,00€; Mário Rui Gomes Salgueiro, 20,00€; Maria de Fátima Gabriel, 10,00€; Vera M.^a Gameiro, 5,00€; M.^a Luísa Rebêlo, 10,00€; M.^a Beatriz S. Almeida, 20,00€; M.^a Graça Lourenço, 15,00€; João Luís Mesquita, 20,00€; Ana Lúcia Ferreira da Silva, 9,00€; Maria Conceição Ferreira, 5,00€; M.^a Apresentação Rocha, 20,00€; Flora Rocha Gomes, 15,00€; M.^a João S. Marcos Almeida, 5,00€; Alfredo Barata Fonseca, 10,00€; Lucinda de Jesus Batista, 5,00€; Ana Conceição Rocha Martins do Rio, 10,00€; Joaquim da Silva Costa, 15,00€; Isabel Assunção, 10,00€; Maria Emília Queirós Pereira, 20,00€; Maria da Conceição Rosário, 20,00€; M.^a Teresa Rente Mendes Frade, 100,00€; Sandra Silva Santos, 50,00€; Maria José Vilela Moraes da Sousa Valadares, 10,00€; M.^a Emília Lima Pereira, 10,00€; M.^a Augusta Reis, 20,00€; Maria José Serra Morgado, 5,00€

*Todos os meses é celebrada uma Santa Missa
pelas intenções dos benfeitores.*

Ajude-nos a divulgar a nossa revista “A CIDADE”

A Nossa revista procura responder aos apelos da Mensagem de Fátima contribuindo para a formação Católica da nossa sociedade, sobretudo com a divulgação da devoção ao Coração Imaculado de Maria. É uma revista que, na sua simplicidade e modéstia, procura ajudar cada cristão a conhecer e aprofundar a verdadeira fé, num mundo sempre mais necessitado da Luz de Cristo e do Amor Materno da nossa Mãe Imaculada.



Para recebê-la, basta enviar-nos o seu nome e morada, os exemplares de que necessita e uma pequena contribuição para cobrir as despesas de publicação e envio.

Apoie-nos neste apostolado e seja o nosso zeloso colaborador

**** procurando novas assinaturas;
* espalhando entre os seus conhecidos e na sua paróquia.***

***Contacte-nos através dos números
249531146 / 925795003 ou por
email: editora@cidadedoimaculado.com***

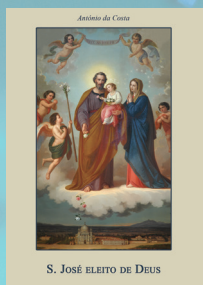


O Mês de São José
formato: 11,5x16,5cm
248 páginas
preço: 3,50€



Via Sacra
segundo a Beata Alexandrina
formato: 10x14,5 cm
36 páginas
preço: 1,50€

S. José Eleito de Deus
formato: 10,5x15cm
112 páginas
preço: 2,50€



**O Martírio do Gólgota
e a sua mensagem**
formato: 10,5x14,8cm
64 páginas
preço: 1,50€

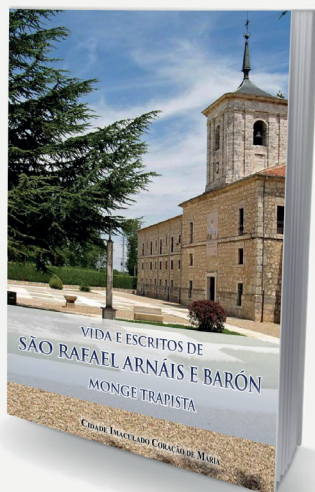


**O Sagrado Manto
em honra de São José**
formato: 10x15cm
preço: 1,20€



O Espírito Santo
formato: 10,5x14,8cm
64 páginas
preço: 1,50€

VIDA E ESCRITOS DE SÃO RAFAEL ARNÁIZ E BÁRON Monge Trapista



Este livro é obra da mãe do Irmão Rafael. Pôs nela todo o seu carinho de mãe e o seu talento exímio de escritora. Foi ela quem, primeiro, reuniu os escritos de seu filho e os tornou públicos, com tão grande êxito que as edições se têm sucedido ininterruptamente até hoje.

FORMATO: 14,7 X 23 CM - 448 PÁGINAS
PREÇO: 17,00€